

O SUBALTERNO E A ESCRITA DE PRISÃO NA OBRA MEMÓRIAS DE UM SOBREVIVENTE DE LUIZ ALBERTO MENDES

Abdias Correia de Cantalice Neto¹

RESUMO: O presente artigo analisa na obra *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes, a escrita de si, que resultando de uma escrita autobiográfica produzida sobre a experiência de cárcere, se coloca na condição de literatura testemunhal e sua condição de subalterno. A obra traz elementos da memória e da história de vida do próprio autor, narrando momentos de fortes relações de subalternidades e da construção do sujeito da voz. Abordaremos nuances da memória e da subalternidade, adotando uma nova nomenclatura: a dupla subalternidade, por se tratar de um escritor pobre, portanto subalterno, e um escritor na condição de preso, ou seja, duplo subalterno. O presente estudo abordará ainda a resistência ao discurso dominante através da voz de um escritor preso. Trago questões sobre a multidão e o que o preso representa dentre os muitos na construção do espaço e do discurso. Aborda-se a questão da subalternidade e o posicionamento do escritor pobre e preso, diante desta performance do subalterno. Portanto, tenta-se adequar o conceito de obra literária produzida na prisão com o conceito de literatura de multidão. Escrita de muitos. Posicionamento e reposicionamento do sujeito da voz como subalterno no campo literário.

PALAVRAS-CHAVES: Escrita de si; Pobre; Preso; Subalterno; Testemunho.

ABSTRACT: The present article analyzes in the work “Memórias de um sobrevivente”, by Luiz Alberto Mendes, the writing of himself, that results of an autobiographical writing produced on the prison’s experience, puts himself in the condition of testimonial Literature and his condition of subaltern. The work brings elements of the memory and elements of the life’s history of the author himself, narrating strong moments of relationships of subalternities and the construction of the subject’s voice. We will approach nuances of memory and subalternity, adopting a new nomenclature: the double subalternity, because he is a poor writer, therefore subaltern, and a writer in the condition of prisoner, in other words, double subaltern. The present study will also address resistance to the dominant discourse through the voice of a writer arrested. I bring questions about the crowd and what the prisoner represents among others in relation to the construction of space and discourse. It addresses the issue of subalternity and the position of the poor and arrested writer, facing this performance of the subaltern. Therefore, he tried to adapt the concept of literary work produced in the prison with the concept of the herd literature. Writing of many. Positioning and repositioning of the subject’s voice as a subaltern in the literary field.

KEYWORDS. Writing of himself; Poor; Arrested; Subaltern; Witness.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira, principalmente as produzidas na contemporaneidade, tem assumido um caráter questionador sobre os posicionamentos das sociedades no que tange aos conflitos políticos e enraizados na periferia. As novas produções trazem em destaque as potências assumidas pelo “pobre”. Esse sujeito, antes marginalizado, assume a voz na literatura e passa a ser o enunciador de si. Trata-se de uma narrativa que se situa numa vertente da

¹ Professor de Literatura da Educação Básica do estado da Paraíba. Graduação em letras e Mestrado em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: abdiascantalice@gmail.com

literatura brasileira denominada de escrita de pobres, moradores das periferias de grandes centros urbanos, e que conclama para seu bojo produtivo a essência da pobreza como forma de denúncia das misérias da comunidade. Neste caso, a margem entra em cena. Autores, muitas vezes, anônimos, se tornam partícipes, reivindicando sua inserção, se não no cânone, mas com grande impacto das vozes da margem, no meio literário. O subalterno ganha expressão. Sob esse aspecto, podemos inserir tais produções como aquilo que se convencionou chamar de literatura de testemunho, vozes da periferia, produções de pobre, ou mesmo produtos marcadamente ficcionais com características da realidade da qual ela é produto. A periferia que se tornou o lugar de enunciação, através da expressão escrita, usa a arte literária para se afirmar enquanto produtora de linguagem. O lugar de escrita passou a ser todo e qualquer lugar capaz de produzir a afirmação dos sujeitos inseridos nas comunidades, nos bairros pobres, nos presídios. Ser pobre e, de forma mais crítica, ser preso é assumir a sua subalternidade. No Brasil, a miséria é governada através dos medos produzidos na e para a periferia. (GIORGI, 2006). Punir os pobres é demonizar a periferia e criar uma nova gestão da pobreza. A pobreza pacata, vazia e adaptada (WACQUANT, 2011).

Este estudo visa observar o posicionamento do escritor Luiz Alberto Mendes, como exemplo de afirmação da periferia, numa dupla subalternidade. O testemunho do pobre é referência para a expressão literária. O discurso do preso traz em destaque a essência das margens para uma escrita literária de resistência e testemunhal. O pobre é testemunha de sua condição de pobreza. Ele, Mendes, sofre em todo este percurso as interferências externas propiciadas pelos muitos de seus pares: seja o pai, em seu embrutecimento, punindo-o severa e energicamente com o chicote, seja a mãe, com seu medo do marido embriagado, agressivo, sejam os colegas, temporários, já que muitos foram presos ou morreram durante os anos de vida narrados na obra. O contato com os colegas de crime construiu uma representação dos muitos, enquanto muitos pertencentes à multidão, ligados por atividades criminosas, que também sofreram as duras penas de um sistema opressor. A relação conflituosa entre o autor-narrador das “Memórias de um sobrevivente” e os guardas ou policiais, flagelando-o, na maioria dos casos, de forma violenta e cruel, serviu para subjugar o já oprimido em sua condição de subalternizado.

Além da própria característica literária, representação e posicionamento na escrita de testemunho do autor, das misérias sofridas na prisão, além de inúmeras outras possibilidades interpretativas, Mendes constrói uma literatura seca, mas engajada. A obra pesquisada é uma narrativa, como já mencionada, “autobiográfica”. Traz elementos da literatura, da memória e da história de vida do próprio autor na tentativa de criar um posicionamento como forma de

resistência daqueles que não se fazem ouvir, criando, nesse caso, uma identidade do sujeito descrito na capa e o narrador presente na obra. O autor ao se posicionar diante das misérias sofridas encontra na escrita uma forma de denúncia da opressão do sistema prisional brasileiro. A literatura, como construtora de identidade, passa a ser desenvolvida não só na periferia dos grandes centros urbanos, mas também em lugares onde o silenciamento é marca pontual como forma de opressão: o presídio. O autor de memórias e autobiografias das prisões brasileiras se constitui como a voz que não se pode calar, ou não se quer calar. Portanto, refazemos a pergunta de Spivak (2012) “Pode o subalterno falar?” Sendo motivado pelas inúmeras interferências externas para a construção de um sujeito isolado, individualista, o escritor preso tenta se inventar, se reconstruir para poder se afirmar. Notadamente, esse sujeito transforma-se em uma nova imagem de si no discurso proferido, possibilitando a construção de um *ethos* próprio das prisões Amossy (2011, p. 16).

A narrativa de si se enquadra aos textos autobiográficos, narrativa em primeira pessoa, mas que eivada de elementos da ficcionalidade torna-se pertencente à ficção. Sendo que como afirma Todorov (2013, p. 48) “a ficção conta melhor nossas próprias experiências. As palavras me permitem expressar meus sentimentos, mas também enxergam a pluralidade humana”.

LITERATURA AUTOBIOGRÁFICA: TESTEMUNHOS DE UM ESCRITOR PRESO

Parte da literatura contemporânea, ou mais especificamente, as produções artísticas da população pobre, moradores de bairros mais afastados dos grandes centros urbanos, ganham espaços nem sempre possíveis para aqueles que pertencem à periferia. As altas literaturas sempre sufocaram as expressões artísticas do pobre, em geral. Ser pertencente à margem é se fechar em si. Os gritos dados aos quatro cantos das favelas, dos bairros pobres, dos espaços de comuns, da ideologia dos muitos, nem sempre foram ouvidos. A favela ganha notoriedade. Em um mundo altamente opressor, produzir literatura não é tarefa comum, nem muito menos fácil. A escrita de periferia, subalterna e subalternizada transforma os sujeitos em autores de si mesmo. Nesse caso, não como controlador, mas como aquele que se emancipa. Ao emancipar-se reposiciona a escrita da periferia. Pertence ao campo literário de resistência, no caso, resistência de um escritor pobre e preso a um grupo, a um sistema, e que, literalmente, está preso nos porões de um presídio qualquer, como narra Mendes (2001, p. 408) “É o único meio que eles têm de controlar a prisão. Acharam uma boa porção de erva, apenas. O meu ferro estava bem entocado e não foi descoberto Fomos mandados os quatro para a isolada no pavilhão 5, de castigo”. O oprimido, neste caso, torna-se referência na escrita de Mendes, como promotores de

denúncias dos presos pelas violências sofridas na prisão. Diante disso, o autor em estudo traz os posicionamentos de um escritor da margem na condição de preso e o posicionamento do escritor frente às suas percepções do mundo. Gritos que ao serem ecoados se tornarão ouvidos por outros para que em relação ao caráter inelutável da alteridade se construa uma significação de si na construção deste sujeito autor.

ESCRITA DE PRESOS: POSICIONAMENTOS DO ESCRITOR DAS MARGENS

Luiz Alberto Mendes, em sua obra *Memórias de um sobrevivente* se reinventa, se reconstrói, se autoproclama. Eu e outro se (re) significam, construindo nessa alteridade uma outra realidade possível, encontrada através das memórias, individual e coletiva, e da rememoração, pautada inclusive nas lembranças e no esquecimento. Lembrar para poder esquecer, ou mesmo para significar e responder aos anseios de uma mente em conflito. Escrever para poder resistir e continuar a gritar em nome dos muitos, já que os que podem falar e serem ouvidos são poucos. Não esquecer com o objetivo de reivindicar. Reivindicar direitos de fala dos muitos. Ao contrário do que propõe Gagnebin (2009, p. 101) que “não só a tendência a esquecer é forte, mas também a vontade, o desejo de esquecer”, Mendes não quer esquecer, quer resistir para poder se dizer, se afirmar, se posicionar como os muitos, pertencentes à multidão. A luta, em nome dos oprimidos, se torna necessária. Só assim o indivíduo poderá ser completamente libertado das lembranças que o colocam em crise.

Longe de fazer uma crítica genética, busca-se compreender as marcas desse sujeito narrador-personagem criado e narrado por Mendes enquanto “construtor de si mesmo”. Tenta-se, também, estudar como a escrita de presos se posiciona e reposiciona no/o campo literário. Discutimos a literatura de Mendes, não só como forma de expressão da pobreza, mas também como construto literário produzido na(s) prisão(ões) do Brasil, ou seja, uma literatura de resistência, de posicionamento, de testemunho, literatura de pobre, que sempre esteve silenciada dentro da sociedade, literatura de muitos. O sujeito da multidão é um sujeito engajado, organizado, autogovernado. Portanto, lembrando, inclusive, o termo usado por Spivak (2012) “Pode o subalterno falar?”, já citado anteriormente, reformulamos a pergunta: pode o pobre falar? Desdobrando, ainda, para uma dupla subalternidade: pode o preso falar? Responder a essas perguntas nos ajudará a compreender o mundo dos subalternos, enquanto condição de subalternidade, e os subalternizados, como imposição da classe dominante, opressão aos pobres moradores da periferia. Os autores do cárcere em suas memórias narram seus conflitos. Crises existenciais, torturas, ausências, dores, violência, pobreza estão intrinsecamente relacionadas com a condição socioeconômica do escritor pobre, em Mendes, de forma mais dura, do escritor

preso. O presídio, como lugar de ausência, fragilizando os gritos ecoados nos corredores se torna um lugar concreto de empoderamento da escrita. A fala, antes proibida, suprimida, ganha a notoriedade na concretude do texto escrito. O calhamaço de papel entregue a Fernando Bonassi representa o grito daqueles que se quiseram narrar.

O texto de Mendes representa esse grito do escritor pobre. Esta “fala” dita em forma de escrita representa o posicionamento literário diante das duras penas e da pobreza de um jovem escritor. O texto de Mendes “longe de ser ‘caso de revisão’, era e é, exemplo de obra acabada. Um relato ao mesmo tempo seco e extremamente poético da trajetória de um jovem na selva urbana brasileira” (BONASSI, 2001, p. 10).

Como este estudo é de crítica literária, busca-se interagir com o texto escrito, marcadamente figurado na concepção de “rastros”, utilizando a reflexão paradoxal de Benjamim em que rastros são as marcas, no caso, o texto escrito, deixado por aquele que tentou se ressignificar. O autor de um texto, condicionado pela pobreza e pela miséria humana em suas representações de si e do espaço que o cerca, encontra na palavra escrita, uma forma de se posicionar no campo da ética, da sociologia e da política. O escritor do cárcere é aquele que, consciente de seu mundo, se fragmenta, se fragiliza, mas se autodenomina engajado. O autor usa o discurso como forma de resistência, narrando experiências vivenciadas num processo de reconstrução e afirmação do sujeito do conflito. A resistência é política, a resistência é ética, como bem cita Bosi (2002, p. 129) “A relação entre narrativa e resistência ética foi descrita no interior de uma esfera de significados datada, historicamente enraizada, no caso dentro de uma” cultura de resistência política (grifo do autor). Os gritos ecoados pelas memórias de Mendes são formas de resistir ao sistema opressor em que ele estava inserido. O discurso narrado e autoficcionalizado é a forma mais nítida de resistência aos meios mais ultrapassados de encarceramento, de imposição do “*poder disciplinar*”, imposto por aqueles que detêm o controle sobre o corpo oprimido (FOUCAULT, 2013).

Tal poder promove o adestramento, através da prisão e da tortura, daqueles que estão presos. Mendes em seu texto se posiciona diante dos julgamentos da sociedade com olhares e preconceitos. A falta de humanização entre aqueles que não compreendiam os muitos, aos quais Mendes pertence. “Eles não me davam chance nem de falar. Queriam me trucidar. Cada tira novo que chegava na sala vinha dar sua contribuição, mostrar que ainda era capaz de nos infligir dor” (MENDES, 2001, p. 376). Aos muitos da periferia, a sociedade julga-os por ser pobre, julga-os por ser negro, julga-os por pertencer à margem. O autor-narrador, sentindo-se oprimido pela sociedade em sua alteridade silenciada, retribui à sociedade aquilo que ela buscou:

Queriam proteger a sociedade de nós, mas talvez a solução fosse nos proteger da proteção social. Daí é para se perguntar se éramos animais, como queriam, ou se éramos animalizados, como nos faziam. Marginais e criminosos ou “marginalizados” e “criminalizados”? O resultado se observaria no estrago, na devastação que retribuiríamos, no futuro, à sociedade (MENDES, 2001, p. 146).

A escrita do cárcere mostra posicionamentos de resistência que os presos tentam denunciar. Os gritos produzidos a partir dos escombros, dos restos serviram para que, não só o sujeito se reconstrua, mas crie uma identidade pautada no testemunho das torturas, das mazelas sofridas em seu corpo, produzidas pelo sistema opressor no qual Mendes foi “depositado”. Depositado por enquadrar o preso em uma condição de objeto. Mendes ao ser jogado nos porões do Carandiru sofreu as duras penas de um regime seco, duro e cruel, promovido pela sociedade que o criou. O Estado oprime o sujeito pobre, pertencente à miséria da sociedade que concentra a prática de segregação entre ricos e pobres. Ricos representando o bem *versus* o pobre (preso) representando o mal.

Nessas condições, o aparelho carcerário brasileiro só serve para agravar a instabilidade e a pobreza das famílias cujos membros ele sequestra e para alimentar a criminalidade pelo desprezo escandaloso da lei, pela cultura da desconfiança dos outros e da recusa das autoridades que ele promove (WACQUANT, 2011, pp. 13-14).

Esta ambivalência – sociedade livre e sociedade carcerária – traz como destaque a condição do preso, não como um ser dono de uma voz que fala, mas como um ser reificado pela sociedade. A construção do sujeito marginal pelo próprio discurso do indivíduo da margem é pautado basicamente no discurso da malandragem. Ser malandro é deter poder. Saber poder, assim como poder fazer, é está pleno consigo, pois o autor de memórias, autobiografias, literatura de testemunho cuida/enuncia de/sobre si verdades possíveis no intuito de governar com tal verdade a alteridade, pois como diz Foucault (2006, p. 65) “é necessário que o cuidado comigo seja tal que forneça, ao mesmo tempo, a arte (*a tékhne*, a habilidade) que me permitirá bem governar os outros”. O autor ao se autoproclamar malandro, busca para si a responsabilidade da própria malandragem: “Fui preso por porte ilegal de armas em um bar no centro da cidade. [...] Sabia que ir para a cadeia por vadiagem seria um desprestígio no meu conceito na malandragem” (MENDES, 2001, p. 261).

Mendes constrói um sujeito que, evidenciado pelo meio que o cerca, molda a própria significação de si como pertencente a um lugar com o qual ele se identifica. Os discursos, produzidos nesses espaços, servem para a construção de um *ethos*, próprio do malandro. Um espaço conceitual da própria personalidade do criador.

A literatura contemporânea abriu espaço para o surgimento de novas formas literárias. Formas de expressão dos sujeitos marginais, construtores de uma identidade voltada para a crise do autor-narrador de si. A crise, marcadamente expressa na literatura de periferia, deixa transparecer a figura do autor de si em textos que marcam a presença do marginal (marginal usado aqui como aquele que produz literatura da periferia e pertence ao grupo que denominamos de escritores presos). Aparentemente este sujeito narrável e narrado cria um mundo/espaço de conflito na tentativa de se representar. Esse lugar em que as narrativas se apresentam é de fato o lugar da emancipação do sujeito ali residente. Esse membro das periferias, construtor de si e de um mundo de crise é o que pertence à margem. Entendendo a margem enquanto lugar de escrita, espaço de afirmação, ou mesmo, lugar de muitos (PAOLO VIRNO, 2013). Lugares heterogêneos, mas que se governam. Lugar “capaz de agir em comum” (HARDT, NEGRI, 2012, p. 140).

O indivíduo marginalizado sofre as duras penas do sistema opressor. Gritar através da literatura as misérias vivenciadas foi o caminho encontrado por Mendes (2001) para narrar as violências sofridas desde sua infância até a fase adulta que, ausente de humanização, se torna preparado para a violência que o espera na prisão. Lugar metaforizado como espaço da multidão. Presos, pobres, mas que se constituem um lugar de enunciação, ou seja, um *ethos* produtor de legitimidade ou relacionado “ao processo de sua legitimação pela fala”, (AMOSSY, 2011, p. 17), no caso de Mendes, pela escrita, forma encontrada para gritar/narrar os conflitos do autor-narrador da prisão.

Esta noção de marginalidade presente também em Perlman (1977) mostra que ser marginal não é está num processo de transformação desorganizado, mas usando “intensamente o contexto urbano e encontram-se expostos a uma ampla variedade de experiências urbanas” (PERLMAN, 1977, p. 174). As experiências vivenciadas em lugares de conflitos tornam-se produtoras de identidades. Daí, o ser marginal, no lugar de conflito e dono da experiência e da vida urbana crítica, constrói uma literatura “que não se origina na melancolia do irrecuperável, nem na mitificação do passado, mas numa perspectiva próxima do presente [...] como cena moral, social, psicológica.” (SARLO, 2010, p. 339).

Mendes aproxima este espaço de conflito, vivenciado por ele, como denúncia de um presente que não pode se calar. Nesse caso, o preso ganha notoriedade em seu discurso. Penetrado no meio da multidão não é apenas um, mas muitos que gritam, através da escrita, os anseios de um autor-narrador-marginal. Busca criar no espaço de conflitos uma expressividade da linguagem da periferia como enunciador de si e dos outros que o cercam. Migrando entre memória e literatura de testemunho supera qualquer denominação de cânone literário. O escritor

narra os conflitos de um autor-narrador-herói preocupado em construir um sujeito pleno dos conceitos de identidade e responsável pela enunciação de si.

O autor das *Memórias de um sobrevivente* e muitos outros que sofreram as mazelas do sistema prisional brasileiro e as crises da periferia criam textos autobiográficos, confessionais, relatos, memórias, literatura de testemunho, no intuito de falar de si. Narra, muitas vezes, o inenarrável, pois a dor, o sofrimento, a perda, os destroços de uma vida só poderão ser expressos pela rememoração e testemunho daqueles que sobreviveram. Isso contribui para a escrita de si. O texto narrativo de Mendes, produtor, na literatura, de uma vida que poderia ser classificada como uma história inenarrável se enquadra na concepção de literatura de muitos. Visão “pós-moderna” da literatura inserida no espaço da espetacularização da sociedade de crise.

ESCRITA DE SI NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO DA “AUTOBIOGRAFIA” E DA FICÇÃO

A literatura autobiográfica, gênero bastante flutuante com relação à teoria e à criação literária, é constituída mesclando memórias e testemunhos de uma sequência de fatos narráveis, ou mesmo, inenarráveis, que precisam ser ditos. Fatos que a sociedade tenta não dizer, pois as prisões são espaços onde as falas são silenciadas, a escrita se torna a melhor forma de se emancipar, de autorreferenciar, de se posicionar e reposicionar no campo literário de resistência. O escritor preso resiste às penalidades sofridas.

Nos anos oitenta, o livro *Memórias de um Sobrevivente* de Mendes começou a ser escrito, criando nova perspectiva da identidade desse sujeito, que enclausurado em um espaço de apagamento e de opressão transformou suas memórias em posturas de representação de si e do outro, na criação possível da alteridade. Mendes, ao assumir posicionamentos sobre as misérias enfrentadas por ele e por seus pares, serviu de elementos construtores de uma identidade conflituosa e binária e tentou se afirmar em sua totalidade. Um e outro que se compreendem e se apresentam como os muitos (BABHA, 1998). Esse posicionamento do outro no “eu” constitui esta binaridade, que faz com que o indivíduo, ali representado, reconstruído, enuncie as misérias, não de um, mas de muitos que também sofreram a violência imposta pela prisão.

Os elementos apresentados em *Memórias de um Sobrevivente* estão relacionados com a temática do testemunho na literatura e a construção da identidade. Adotamos o conceito de testemunho como posicionamento diante de toda e qualquer violação dos direitos humanos. Prisões que violam os corpos rasurados pelo Estado, pois o mesmo Estado “imprimiria no corpo do prisioneiro a marca de seu poder, a escrita da lei, que determina sua diferença dos outros” (WALTY, 2005, p. 66).

Rememoramos o testemunho que presos e pobres vivenciaram. Presos e pobre são as testemunhas dos próprios corpos violentados pelos companheiros de prisão, animalizados pelo mesmo sistema, torturados pelos guardas e policiais, representando o braço do Estado na prisão. Numa posição inversa ao que propõe Foucault (2007) em que o criminoso assume a banalidade do mal, aqui é o Estado que em suas monstruosidades oprime o já oprimido, fragilizado, fragmentado, pobre, transformando numa condição de animalidade e reduzindo os corpos à miséria humana.

Na sua obra Mendes retoma as suas lembranças para poder se impor e se dizer nos martírios que é ser pobre no Brasil. É através da memória que autores remontam fatos críticos, vivenciados em determinada cena, ou contexto em que estava inserido. Esta relação entre autor e seu espaço construído, sua relação com a sociedade da qual faz parte, o transforma em construtor de um novo “Eu”. “Eu sempre soube que meu livro era interessante e que merecia ser editado. Só era preciso encontrar quem valorizasse. Pronto ali estava, agora era só trabalhar no texto para dar-lhe mais ritmo e limpar as idiossincrasias” (MENDES, 2001, p. 473).

No livro *Memórias de um Sobrevivente*, os recursos da memória estão explícitos no discurso do narrador que ao vivenciar os conflitos na infância e os momentos críticos na prisão, rememora e representa a catástrofe da qual ele é testemunha: torturas, prisões, maus tratos, lesões etc. catástrofe da violação dos direitos. Ser preso no Brasil é estar condicionado a sofrer as duras penas impostas ao pobre, ao negro, ao indivíduo oriundo da periferia. Mendes denuncia o passado traumático em que viveu e, conseqüentemente, sobreviveu. Resta, portanto, perceber que é através da memória social e plural que autores remontam esse passado e apresentam para nós leitores o conflito vivido, ou mesmo sentido, lembrado.

Nessa perspectiva, tentamos problematizar a relação entre História e Literatura numa demonstração em que a literatura “é a forma pela qual percebemos que os seres humanos não vivem cada um no seu mundo, mas numa pluralidade infinita” (TODOROV, 2013, p. 49), servindo como mecanismo de testemunho da realidade e de construção de identidade.

A literatura sempre foi classificada como representação do real, mas só na modernidade passamos a discutir esta relação entre Literatura, Realidade, testemunho. Seligmann-Silva (2003, p. 47) mostra que a “literatura de testemunho é um conceito que, nos últimos anos, tem feito com que muitos teóricos revejam a relação entre a literatura e a ‘realidade’”. Nem sempre, ou nunca se constrói o texto literário como algo referencialmente ligado à história de vida, mesmo nas autobiografias. O sujeito, ali representado, é o sujeito da criação. A voz do narrador não é a voz necessariamente de Mendes, mas as muitas vozes dos muitos presentes no texto: Dona Eida, seu Luiz (pai), Carlito, a avó, a tia Ercy, o Zé e o Adolfinho, os meninos da rua e

tantos outros que passaram pelas lembranças de Mendes, que contribuíram através dos entrelaçamentos das memórias constituições dos sujeitos ali representados. As memórias, a autobiografia, o testemunho trazem fortes indícios de posicionamentos do autor-narrador frente às misérias sofridas. Como a autobiografia traz marcas, também, da realidade, mesmo com suas ficcionalizações, serve de denúncia do poder opressor que se encontra implantado nas instituições totais em todo o país.

A literatura serve como recurso, não só estético, mas também de análise histórica, identitária, sociológica, pois “representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos, os desastres que dão sentido a nação” (HALL, 2005). Esse sentido reforça a ideia de que a narrativa de Mendes representa, até certo ponto, a crise vivenciada pelo autor, na sua vida de infância, ao ser agredido pelo pai, nos reformatórios, ou mesmo, já adulto, na prisão, pois este detentor da voz narrável e narrada compartilha com os muitos, que preenchem seu percurso narrativo, as crises, os conflitos, a problemática da prisão, as violências sofridas e seu imediato posicionamento no campo literário.

Retomando, ainda, os questionamentos levantados, (SILVA, 2003, p. 389), traz uma nova possibilidade de interpretar a literatura/arte de testemunho mostrando que a “historiografia baseada na memória *testemunha* tanto os sonhos não realizados e as promessas não cumpridas, como também as insatisfações do presente”. A construção do “Eu” a partir de situações de conflitos em que o autor está (va) inserido se dá na transformação do sujeito nos espaços sócios coletivos apreendidos por Mendes. A memória individual se constrói na ambivalência entre a memória coletiva e o sujeito da memória, no caso a memória individual.

A relação com os participantes da narrativa produziu uma literatura de testemunho. Isso tem forçado os teóricos da atualidade a rever os conceitos da própria história, associado ao conceito de literatura. Fundamenta-se uma relação intrínseca entre literatura e realidade. Portanto, observamos na obra *Memórias de um Sobrevivente* o testemunho das violências nas prisões como fator político e social. Esta contribuição que a literatura tem dado aos estudos da história, da sociologia, da antropologia, das ciências humanas, de modo geral, ajuda a entender como literatura de testemunho do conflito vivido, utiliza os recursos da memória. Desta forma, a memória serve para a construção de uma identidade e seu posicionamento no campo da escrita. As misérias sofridas por Mendes serviram para a constituição do sujeito pós-detenção. Marcado, flagelado, revoltado, que busca na escrita a sua significação. Uma obra voltada para a conservação de fatos vividos. A memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes, (HALBWACHS, 2009).

As *Memórias de um Sobrevivente* é uma narrativa produzida numa época e no lugar de produção de silêncios, de cerceamento de direitos, de afloramento e conflitos das relações interpessoais. Quem fala tende a ser oprimido. Tal imposição condicionada por perseguições, torturas, abusos sexuais, ou qualquer tipo de barbárie precisa ser exposto como forma de denúncia. Mendes o faz em sua obra. Mostra uma realidade vivida e construída por ele no espaço prisional. Essa estrutura montada para servir de flagelamento do pobre será organizada nas prisões brasileiras como cerceamento da multidão. Utilizando os diversos instrumentos de tortura os líderes do Regime de opressão, diretores de presídios, oprimiam os já oprimidos pela sociedade, pois: “a população da cidade era extremamente preconceituosa e desumana conosco. Jamais houve nenhuma preocupação das autoridades ou pessoa da cidade pelos nossos direitos humanos violados” (MENDES, 2001, p. 179).

Qualquer forma de emancipação era suprimida através da violência. Toda e qualquer produção artística, além das restrições mediante a censura, o medo produzido pela opressão estatal transformou-se a literatura de prisão numa arte silenciada. O pobre não pode falar. Menos ainda, o preso. Tem de ser sacrificado. O preso não pode falar. Obedecendo ao que se classifica como “terceiro uso da história: o sacrifício do sujeito de conhecimento”, (FOUCAULT, 2008, p. 35).

Os gritos ecoados pelos escritores de literatura de testemunho. Pobres fechados nos porões dos presídios brasileiros representam uma manifestação de oposição ao estado de barbárie, marcado pelas violências sofridas nas ruas e o conflito presente na prisão. Representam uma renúncia e um posicionamento em relação à catástrofe e as violências vivenciadas pelo autor, oprimido, sufocado e fragilizado pelos mais bárbaros meios de torturas. Mendes vivenciou as opressões produzidas pelo sistema prisional pautado na postura banalizada do indivíduo, operando em seus corpos a cultura dos restos. Mendes ao narrar esse passado violento, constrói uma nova identidade do autor, pois autor e narrador, ao se identificarem como a mesma pessoa, institui a tese dos muitos em um. Autor e narrador se confluem, para criar um “outro” possível. Este se transforma naquele e, coletivamente, cria espaços discursivos próprios da prisão. Constrói a identidade do narrador personagem, transformando Mendes em um sujeito revoltado, crítico e politizado contra o sistema opressor que tanto o corrompeu.

Como representar a miséria sofrida na literatura, numa época e num lugar de silenciamento institucionalizado? Revoltando-se, reivindicando direitos, enunciando discursos contrários às opressões implantadas nos sistemas prisionais totais. Foucault (2013, p. 32) mostra que diante de certas misérias o preso se revolta “contra toda uma miséria física que dura a mais de um século: contra o frio, contra as sufocações e excessos de população, contra as paredes

velhas, contra a fome, contra os golpes”. A obra de Mendes serve de questionamento e resistência às misérias impostas pelo sistema prisional. Denuncia o autoritarismo da polícia, a ausência de direitos, a violência aos corpos dos desvalidos das ruas de São Paulo.

A literatura pós-moderna sustenta a tese das “narrativas, simultaneamente impossíveis e necessárias, nas quais a memória traumática, apesar de tudo, tenta se dizer” (GAGNABIN, 2009, p. 49), isto é, literatura de testemunho e de prisão que passaram a ser recorrente no final do século XX. Muitos se depararam com a brutalidade e a violência contra aqueles que se encontravam à margem da sociedade nas ruas e principalmente nas prisões. Portanto, buscaram representar através da escrita, através da arte, a barbárie vivenciada, testemunhada, silenciada.

A literatura de testemunho, literatura de prisão está intrinsecamente relacionada com as pesquisas voltadas, principalmente, para os estudos da história, da memória, da sociedade, da antropologia. Memória, história, literatura, resistência, prisão são campos de reconhecimento e reconstrução de si na escrita do cárcere. A memória deixa entrever de modo claro não apenas a profunda relação entre a memória e o espaço perceptível, observado, mas a construção do sujeito reconstrutor de sua memória. Memória e História, memória e sociedade, escrita do cárcere, voltadas para a literatura, evidenciam uma nova perspectiva historiográfica e de percepção do mundo. A sociedade representada em narrativas que exploram conceitos de memória de um grupo apresenta um “eu” consubstanciado pelos demais membros desta sociedade. Transforma a memória individual em memória coletiva. Essa memória coletiva tem assim uma importante função. Contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, traumático ou não, que compartilha memórias e conseqüentemente contribui na constituição de um novo “eu” em relação ao outro que também o moldou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra estudada é uma narrativa escrita por pobre. Sendo assim, é uma narrativa de posicionamento, no campo literário, por parte do subalterno. A análise feita se deu em detrimento do pertencimento do sujeito falante, dono da voz na narrativa, ao campo da periferia. Sujeito marginal. Ocupa um lugar privilegiado em nome daqueles que se fizeram representar.

Mendes, ao narrar suas memórias, narrou as memórias de muitos, num imbricamento de vozes marginais, que se fizeram em um, os muitos diluídos na multidão. A narrativa em primeira pessoa marca o pertencimento do autor ao campo da referencialidade.

O discurso de Mendes, ao se constituir como discurso da margem se organizou os muitos e posicionou a multidão no campo da literatura. Pobre e subalterno que se fizeram posicionar. Luiz Alberto Mendes, além de ser escritor pobre, é também um escritor preso. Isso mostra uma dupla subalternidade. Por se tratar de um lugar de silenciamento, o preso não pode falar. Mendes falou, escreveu, anunciou, não um, o próprio Mendes, mas muitos, os vários membros da periferia que trilham os mesmos caminhos do autor-narrador-personagem. Caminhos de misérias, de ausências, que o pobre precisa passar. Na condição de preso, as ausências superam estágios de humanização, alcançando a barbárie nos flagelos do corpo de um ser subalterno. A literatura do presidiário é também de testemunho. Mendes testemunha sua fragilidade diante de um estado opressor. Ele, mesmo cumprindo pena por homicídio é subalternizado pelos representantes do poder.

O pobre, que se encontra em estado de subalternidade, assume uma reinvenção de si, lembrando Foucault (2006), que disserta sobre a possibilidade de se criar um discurso eivado de elementos que ornamentam os sujeitos da voz. Ser preso no Brasil é estar em pleno conflito com o mundo que o cerca. País de inúmeras desigualdades sociais, que violenta a pessoa humana nos seus espaços de culturalização. A periferia é silenciada.

Ao escrever uma autobiografia, incrementando personagens que, diluídos na multidão, Mendes se reinventa. Posiciona-se como sujeito do discurso e resiste às práticas de violências causadas aos subalternos. O texto ficcional serve para impor a literalidade, a enunciação afirmativa como válida, por se tratar de autobiografia, ou escrita de si, diante dos discursos originados de Instituições totais, ou seja, lugares de silenciamento. O autor, cuidadosamente, constrói-se e ao se construir, corrobora com a multidão, que na sua heterogeneidade, faz-se detentora do estatuto dos muitos no campo literário. Os muitos, numa acepção mais política do que literária, seriam todos os partícipes do discurso constituinte, marcadamente, inserido na obra do preso. Mendes, neste caso, assume uma dupla subalternidade. É pobre, morador de periferia, portanto silenciado, e se encontra, ao produzir sua narrativa autobiográfica, na prisão. Duplo subalterno. Mendes é um subalterno que tem voz. A fala de Mendes saiu dos muros das instituições fechadas para a editoração e a formatação em livro.

A voz das prisões, instituições que amordaçam, saiu dos manuscritos de Mendes para a publicação, referendando ao sujeito da margem o pertencimento no campo literário. O Estado, sujeito que deveria proteger e não humilhar, tem a tutela do presidiário e deve produzir as penalidades condignas com o crime cometido. Mas o próprio Estado ia além. Torturava, violentava, agredia a todos, que sem acesso à informação, na ausência da família, na não

receptividade de direitos, encontravam na polícia, braço Estatal enquanto poder, praticante das mais duras penas de um crime qualquer.

As prisões brasileiras, assim como o próprio Estado, eram impostoras. Violentavam em nome de uma sociedade. Vitimavam a própria sociedade que se posicionasse contra ao sistema. O sobrevivente escreveu e mostrou para os leitores o poder das suas palavras. Com sua obra buscou anunciar para a posteridade as opressões e as violências da prisão brasileira no final do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

BABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myrian Ávila, Eliane Lourenço de Lima reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: editora da UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DE GIORGI, Alessandro. **A miséria governada através do sistema penal**. Rio de Janeiro: Revan, 2006. (Coleção Pensamento Criminológico)

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 41 ed. Petrópolis. Editora Vozes, 2013

_____. **Estética, literatura e pintura, musica e cinema**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006. (Ditos e escritos III)

_____. **As palavras e as coisas**. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Microfísica do Poder**. 26 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, esquecer, escrever**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. **Multidão: Guerra e democracia na era do império**. Tradução de Clóvis Marques. 2 ed. Rio de Janeiro-São Paulo. Record, 2012.

KLINGER, Diana Irene. **Escrita de si, escrita do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

MENDES, Luiz Alberto. **Memórias de um Sobrevivente**. São Paulo, Companhia das Letras. 2001.

NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e representação**. São Paulo. Escuta, 2000.

PERLMAN, Janice E. **O mito da marginalidade: Favelas e políticas no Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SARLO, Beatriz. **Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.). **História, Memória, Literatura: O testemunho na era das catástrofes**. Campinas. Editora da Unicamp, 2003.

SOUZA, Eneida Maria de. **Janelas Indiscretas: ensaios de crítica biográfica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SPYVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora da UFMG, Belo Horizonte, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **Só a ficção nos salva**. In. Revista de História da Biblioteca nacional. Ano 8, n 88, Janeiro, 2013.

WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria**. Tradução de André Telles. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

WALTY, Ivete. **Corpus rasurados: exclusão e resistência na narrativa urbana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Recebido em: 24/02/2018

Aprovado em: 27/03/2018

Publicado em: 01/07/2018